

EDITORIAL

Este Vol. 5, n. 2 da RT traz três trabalhos que foram apresentados no VIII Encontro de Musicologia de Ribeirão Preto (VIII EMRP, dias 22 e 23 de agosto de 2019), *A Música e as Artes Na Universidade: publish or perish?*, que teve apoio FAPESP e trouxe como palestrantes convidados John Rink (Cambridge) Aloysio Fagerlande (UFRJ), Paulo Chagas (UCR), além dos professores da casa Fernando Corvisier e Rubens Ricciardi. Os trabalhos publicados neste fascículo foram as palestras realizadas por Chagas e Fagerlande e a comunicação de Bock et alii.

Fagerlande apresenta o “estado da arte da pós-graduação profissional no Brasil” com um texto que é uma atualização de um trabalho apresentado no XVIII Congresso da ANPPOM, em 2018. O texto de Chagas traz uma pesquisa interdisciplinar que aborda a fenomenologia do som e da composição musical, explorando questões filosóficas, culturais, sociais e políticas e suas interfaces com a tecnologia. O trabalho de Bock et alii foi apresentado em forma de comunicação oral no VIII EMRP e trata de ideias sobre performances criativas do violoncelo, baseadas em pesquisas em andamento ou já concluídas de seus autores e autoras, operando uma revisão bibliográfica do tema.

Do conjunto de trabalhos submetidos à RT, temos o de Siles que analisa o conceito de música séria surgido no final do século XVIII, na Viena de Beethoven, em oposição à música de entretenimento, e seus impactos no contexto do Choro brasileiro, através de três estudos de caso: o conto *O homem célebre* de Machado de Assis, uma anedota de Cazes (2010) e a Suíte *Retratos* de Gnatalli que, segundo o autor, aproxima o Choro da música de concerto.

Em “Oh, Minas Gerais”, De Paula & Valente propõem uma reflexão sobre os marcadores de uma cultura dita “mineira” e de como se mostram presentes na performance de Toninho Horta. Soares & Ricciardi apresentam exemplos de emprego da arte da retórica na obra de Manoel Dias de Oliveira. Felipe revela o repertório brasileiro contemporâneo para traveso, com obras de Oliveira e Barbosa. Moraes aprofunda a questão atual da escrita para viola caipira – instrumento que tem na tradição oral a força da transmissão de seu repertório e de sua cultura.

Marques analisa a canção *Barulho de trem*, de Milton Nascimento, em função do conceito de cânone de W. Weber, buscando entender a canonização do fenômeno da Bossa-Nova. Ribeiro analisa o reemprego de canções preexistentes na reelaboração de novos textos do cancionário popular e sacro da canção judaica e considera o costume sefaradita de empréstimos de melodias tradicionais e as substituições de textos (*contrafacta*) para utilização na liturgia ou em situações paralitúrgicas, empregando o conceito de “polifonia discursivo-musical” de Lanna e de “renascimento dos sentidos” de Bakhtin.

Galon considera a magnitude que a música adquire no pensamento filosófico do século XIX, que desloca a função do músico de mero artesão para a de pensador influente, como no caso de Beethoven, pioneiro de uma tendência que culminará com Wagner. O autor parte da “estranhamente notável” não-relação entre Beethoven e Hegel, especulando sobre as razões deste silêncio do filósofo sobre o mestre de Bonn.

Prof. Dr. Marcos Câmara de Castro
Editor-gerente